

O novo romance histórico na América Latina, Angola e Portugal

Doutoranda Rosangela Manhas Mantolvani(USP)¹

Resumo:

O aparecimento do novo romance histórico na América Latina com a publicação de O reino deste mundo (1949), do cubano Alejo Carpentier, iniciou um ciclo de intensa publicação, tanto de romances históricos tradicionais quanto de novos romances históricos, nas décadas de 1960 e 70, também em outros países, não sendo exceção Angola, cuja publicação de Nzinga Mbandi (1979), de Manuel Pedro Pacavira, confirma uma produção com muitas características do novo romance histórico. A publicação de novos romances históricos, cujas características formais e discursivas diferem em alguns pontos do romance histórico teorizado por Lukács, não se restringiria ao período pós-independência em Angola, mas propõe uma continuação do (sub)gênero que tem se desenvolvido em diferentes países do mundo. Dessa maneira, é possível observar o trânsito de padrões literários no interior de um projeto cultural que inclui escritores em Portugal e Angola, considerando as produções de novos romances históricos nos dois países, pressuposto que encaminha a comparação em minha tese de doutorado dos romances A gloriosa família: o tempo dos flamengos, de Pepetela, e Memorial do Convento, de José Saramago.

Palavras-chave: Novo romance histórico; Carpentier; Pacavira; Pepetela; Saramago.

Introdução

O romance histórico na América Latina fez suas primeiras aparições durante o Romantismo e, mesmo durante o Realismo e o Modernismo, continuou sua existência *underground* até o final da década de 1970, quando há grande produção de romances históricos, cuja principal característica pauta-se revisão de uma História em que ecoa uma única voz: a do colonizador. No entanto, muitos desses romances apresentam características que se afastam daquelas teorizadas por Georg Lukács em seu *Le roman historique* (1965), e por isso, essa recente produção é denominada como "novo romance histórico". Segundo Seymour Menton (1993, p. 42-5) além de características estéticas e formais inovadoras, a ironia, a paródia e as categorias da carnavalização (Bakhtin, 1981, p. 104-7) surgem como algumas das estruturadoras desse novo sub-gênero do romance.

1 Novo romance histórico em Cuba, Angola e Portugal

Em 1949, o cubano Alejo Carpentier escreve uma história sobre o passado do Haiti, país caribenho, tratando das relações sociais e das lutas entre escravos e colonizadores na Ilha. Mas é na década de 1970 e seguintes que se intensifica a produção de romances históricos mais tradicionais e de novos romances históricos, de acordo com Seymour Menton (1993, p. 46).

Os contatos entre Angola e Cuba se estreitam, já a partir da década de 1960, devido às relações e apoios estabelecidos, de ordem militar e administrativa, entre o país caribenho e a então colônia africana, ainda sujeita à ditadura salazarista. Esses contatos se intensificam após 1975, momento em que os independentistas angolanos solicitam a ajuda dos cubanos para impedir a invasão de tropas armadas sul-africanas pelo Sul do território, bem como os ataques oriundos de grupos rivais pelo Norte. O vínculo entre os países se aprofunda no momento em que Cuba passa a colaborar na reestruturação administrativa e educacional de Angola.

¹ Doutoranda Rosangela Manhas MANTOLVANI FFLCH – FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas . USP- Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Tania Celestino de Macêdo E-mail: mantolvani@usp.br

Constituída por maioria de descendentes de africanos, a população cubana pode ser aproximada aos povos angolanos pelas características culturais que se estendem além das fronteiras do conceito de nação ou de continente. Essa semelhança identitária permitiu que os contatos entre esses povos se intensificassem, os quais podem ter sido responsáveis pelo aparecimento da forma do novo romance histórico no país africano.

Observa-se nos trabalhos algumas semelhanças que pressupõem idéias capazes de abarcar um campo político-cultural e ideológico que ultrapassa as fronteiras nacionais, interligando tanto os países de língua oficial portuguesa quanto os de língua oficial espanhola, principalmente nas antigas colônias, cujos discursos possuem uma profunda relação com as idéias do Movimento da Negritude – com Aimée Césaire, Leopold Senghor e Damas. Essa interlocução, que atravessa as fronteiras do macrossistema literário de língua portuguesa, articula pontos de contato com o sistema literário caribenho, não pela afinidade lingüística, mas pelo ideário sócio-cultural, pelas semelhanças no que se refere ao imaginário e à identidade desses povos, confirmando a compreensão de Benjamin Abdala Jr. sobre a circulação de projetos de solidariedade e o trânsito de *patterns* literários (ABDALA JR., 2007, p. 37-8) no eixo do Atlântico Negro. Seriam esses trânsitos pelo Atlântico Negro na segunda metade do século XX que teriam instigado Manuel Pedro Pacavira a escrever o que lhe rondava o pensamento há muito tempo? Segundo o próprio autor, no período pré-independência, ele procurava entender os significados da filosofia Pan-Africana, da Revolução Cubana e a vida dos negros norte-americanos, indicando familiaridade com certas idéias inscritas no livro de Carpentier.

Embora em Portugal, antes de 1940, já se encontrasse publicado um romance histórico cujo protagonista era personalidade da história oficial, o rei D. Sebastião, em que a história questiona o mito, a probabilidade dessa forma ter migrado diretamente dali para Angola parece bastante improvável. Segundo Cidraes (2001, p. 7), "a publicação do romance de Aquilino Ribeiro, *Aventura Maravilhosa de D. Sebastião Rei de Portugal depois da Batalha com o Miramolim* (1936), marcará uma mudança decisiva no tratamento oferecido até então aos mitos históricos", de tal maneira que poderia ser germinal de um novo tipo de romance histórico. No entanto, *Memorial do Convento* (1982), de José Saramago, de certa maneira, afasta-se desse modelo. Nos anos de 1960 e seguintes, os angolanos afastaram-se, também, dos modelos literários portugueses, pois buscavam uma identidade própria, nacional, e por isso, rejeitavam certas formas culturais da metrópole.

O romance do angolano Pacavira é publicado em 1975, mas *Nzinga Mbandi* fora escrito alguns anos antes e, assim como *O reino deste mundo*, trata da luta de classes e grupos, mantendo o principal pressuposto teórico de Lukács (1965) a propósito do romance histórico. No texto, o autor angolano trata da relação conflituosa entre colonizadores e sociedades locais, desencadeada pela disputa de espaços no território, no momento em que estes intentam controlar e escravizar os africanos. As duas narrativas tratam de Impérios e conquistas, de subidas e descidas, de expulsões, de lutas, de processos de coroação e destronamentos, da história de luta entre grupos e povos.

Guardadas as devidas diferenças em relação aos espaços sociais – o território angolano e a ilha caribenha – os dois romances possuem personalidades históricas transformadas em personagens de ficção como a rainha Nzinga Mbandi – a personagem principal –, no território angolano, no século XVII; e de Mackandal, escravo da Guiné, quilombola e líder da resistência negra – na Ilha de São Domingos, ou Hispaniola, por volta de 1750 – e Henri Christophe – rei negro do Haiti – entre 1811 e 1820 – em *O reino deste mundo*.

2 Personalidades históricas e protagonistas

No romance de Carpentier, é contada a história lendária da resistência dos escravos no Haiti, determinada pela figura mítica de Mackandal, feiticeiro conhecedor das artes do vodu e da medicina natural, a quem eram atribuídos poderes sobrenaturais por seus seguidores e pelos brancos. Ele

possuía, ainda, o poder da palavra dos griôs, pois contava histórias dos antepassados a Ti Noel e aos outros. Por isso, sua trajetória como imortal percorre todo o livro e, quando acreditam que morreu, o feiticeiro simplesmente se transformara em vários animais: é o modo maravilhoso imiscuido à historiografia e à realidade na ficção, uma das características de alguns novos romances históricos.

Dentre os grandes nomes da história, encontram-se, ainda, o de Paulina Bonaparte e o do general Leclarc, seu marido, o de Toussaint L'Overture e Jean-Jacques Dessalins, que governou o Haiti de 1804 a 1806.

Entre a história de Mackandal e a de Henri Christophe, encontra-se a figura ficcional, Ti Noel, que desvelará a forma cíclica da exploração do povo africano pela força bruta, em uma história constituída pela sequência de lutas, resistências, magias e persistências no reino deste mundo, revelando tanto o lado material quanto o maravilhoso da existência humana, apesar dos conflitos.

No romance de Pacavira, a história do reino do Kongo e seu primeiro momento de adesão ao Império português é seguida pela do rei Ngola Kiluanji, cuja descendência resistente geraria *Ngola Nzinga Mbandi*, uma rainha guerreira. Como embaixatriz, Nzinga entra em contato com os colonizadores em nome do avô e, uma vez rainha, finge estar de acordo com as intervenções dos colonialistas no território e trata de sondá-los para perceber-lhes os pontos fracos. Então, ao perceber que o povo não aceita as condições impostas pelos colonizadores, declara-lhes a guerra, organizando coalizões entre impérios africanos e grandes exércitos. Assim, persegue os invasores durante quatro décadas, aonde quer que estivessem, atacando-lhes as fortalezas no interior, com o objetivo de preservar as fronteiras de seus territórios e as de outras etnias locais.

3 O Reino deste mundo: séculos XVIII e XIX no Caribe

A epígrafe de Lope de Vega que abre o texto de Carpentier desvela o olhar europeu sobre as terras da América, comandadas pelo "Senhor das Trevas"; ironiza o olhar do colonizador sobre o colonizado e as idéias de "civilização" levadas em nome da fé aos "bárbaros". Mas é uma história de "Calibans" que o narrador vai engendrar, a partir do enunciado de Carpentier no Introito: "Mas o que é a história da América senão toda uma crônica da Realidade Maravilhosa?"

A realidade maravilhosa se encontra na história de Ti Noel, escravo negro de Monsier Lenormand de Mezy, e sua vida de servidão na colônia de Santo Domingo, no Caribe, atual Haiti. Aí, a memória do protagonista resgata a personalidade histórica de Mackandal e a história oral trazida de África para o arquipélago do Caribe, especificamente a Ilha de São Domingos. A reiteração pelo contar em língua materna e a preservação dessa história na memória dos homens os faz reviver, no cotidiano de trabalhos forçados, os sentimentos de grupo e de solidariedade capazes de mobilizar a resistência contra os seus senhores.

Um rei africano em seu trono, exposto em gravura, traz à lembrança de Ti Noel as histórias de Mackandal, um quimbanda que "cantava em salmos" os "feitos ocorridos nos grandes reinos de Popo, de Arada, dos nagôs e dos fulas". E também a "história de Adonhuesco, do rei da Angola, do Rei Dá, encarnação da serpente, o eterno princípio do retorno infinito [...], de façanhas de Kankán Muza [...], construtor do invencível império dos mandingas [...]" (CARPENTIER, 1966, p. 3). Aproximando sua focalização a Ti Noel, o discurso do narrador e da personagem se fundem para articular uma comparação entre os reis dos brancos e os dos negros, em que os termos eufóricos aludem aos segundos, e os reis brancos são tratados com ironia e comicidade.

No texto, a profanação (BAKHTIN, 1981, p. 106) dos valores do catolicismo vem das palavras contadas por Mackandal a Ti Noel sobre as práticas dos representantes da Igreja católica no Caribe.

Capturado pelos negreiros de Serra Leoa e trazido como escravo, o quimbanda Mackandal, por seu porte físico impressionava homens e mulheres, acrescido do fato de ser um ator e contador de

histórias: um griô. Em seu contar se encerra o imaginário africano, no compasso da voz do narrador em discurso indireto, ao focalizar os pensamentos de Ti Noel, que nos resgata essas histórias.

Na moenda, Mackandal tem parte do braço decepado, ficando então maneta da mão esquerda. Designado a cuidar do gado, recolheu e analisou as plantas da região e descobriu-lhes as funções. Delas, extraiu um poderoso veneno capaz de dizimar uma grande quantidade de colonizadores. Perseguido, escondeu-se em uma caverna secreta sob proteção de Mamãe Loi, uma especialista em medicina natural, e, de lá, comandou os escravos das estâncias, ordenando o envenenamento das águas e alimentos de seus amos. Mas o Senhor do Veneno terminou denunciado por um fula cambaio que não suportou as torturas, e entregou o eleito pelas forças superiores para acabar com os senhores e montar um império de negros livres em São Domingos. No entanto, a captura de Mackandal tornou-se impossível: o quimbanda se metamorfoseava, de acordo com o maravilhoso africano, ricamente vivo no imaginário resistente na Ilha: assumia a forma de um lagarto verde, uma mariposa, um cão, um pelicano, entre outros, e vigiava seus seguidores para saber se confiavam em seu regresso. De metamorfose em metamorfose, o maneta estava em toda parte, tornando-se lenda e mito.

Uma vez capturado, retomou a forma humana, quando "todas as vozes se uniram num *yanvalu* solene, tão frenético, que dominava os tambores". O canto soava triste, "em coro, o pungente gemitos dos povos" (CARPENTIER, 1966, p. 26-7). O líder revoltoso foi sacrificado na fogueira, mas para os escravos ele continuava vivo, pois "tinha cumprido sua promessa, permanecendo no reino deste mundo" (Idem, p. 31). A crença na permanência do falecido no reino deste mundo coaduna com os valores do animismo das sociedades africanas e ainda, com o caráter mítico do herói no universo do branco e, assim, o narrador pode celebrar a permanência dos heróis, seja pela metafora na ficção, como Mackandal, seja pela sua sobrevivência como mito da luta pela liberdade, na memória popular e na história. Por quaisquer dos caminhos, continuam no "reino deste mundo".

O transcorrer do tempo revela a decadência da burguesia mercantil-escravista local, cujo representante é Lenormand de Mezy que, após doze anos da morte da esposa por envenenamento, é incapaz de se recuperar do trauma, torna-se um bêbado e praticamente dependente do servo. Envolve-se com muitas mulheres: da lavadeira Marinetti ao casamento com uma viúva, nada lhe mudara os maus hábitos e, mais tarde, tornou-se amante de uma atriz francesa, culminando em "voyeur" de escravas adolescentes. As *mésalliances* formais e as *excentricidades* (BAKHTIN, 1981, p. 106-7) se explicitam no concubinato de Mezy com Mademoiselle Floridor, bêbada contumaz que interpretava, na casa da fazenda, os papéis que não conseguia representar no teatro.

Em contraste ao comportamento do amo, Ti Noel mantinha viva a memória heróica e as histórias de Mackandal, contando-as aos seus doze filhos (tidos com a cozinheira), incumbidos de perpetuar e reproduzir a história dos heróis de São Domingos. A ausência do quimbanda encontra novo substituto no espaço caribenho: o jamaicano Bouckman, praticante de vodu, que incentiva os cativos a lutar contra os senhores, enquanto na França pensadores reivindicavam a liberdade dos escravos, idéias consideradas (pelos colonizadores) "divagações dos utopistas franceses que muito incomodavam os proprietários de escravos" do lado "de cá" do Atlântico.

Os escravos atacaram as fazendas e Bouckman terminou com o mesmo destino de Mackandal, embora grupos isolados ainda resistissem. Os escravos capturados vivos foram levados à cidade do Cabo para serem degolados, mas Mezy tratou de salvar doze dos seus, e entre eles Ti Noel, prometendo castigá-los de outros modos. Era o tempo de Maria Antonieta e do Delfim.

Da Cidade do Cabo, os escravos de Mezy são transportados para Cuba, onde se encontram velhos conhecidos do francês que se haviam transferido para Nova Orleans ou para os cafezais cubanos, onde viviam um cotidiano pouco familiar, pois todas as hierarquias burguesas da colônia haviam caído, devido às lutas dos escravos jacobinos liderados por Toussant L'Overture. Acompanhando as rezas do amo, na Igreja de Don Estevão Salas, Ti Noel entoava, então, um canto que aprendera com Mackandal: "São Tiago, sou filho da guerra/ São Tiago, / Não vês que sou filho

da guerra?/" A sensação de calor do vodu no interior do templo e a paradoxal existência de Monsieur de Mezy, dividido entre o espiritual e luxurioso, coroa as categorias da *excentricidade* e da *familiarização* entre os homens, considerando a proximidade absoluta entre senhor e ex-escravo.

As categorias bakhtinianas da *excentricidade* e da *familiarização* se perpetuam com a chegada e a permanência de Paulina Bonaparte, no Porto de Santiago (1802), explicitadas e reiteradas pelo modo de vida que a francesa adotou em terras caribenhas: cercada de criados, do esteticista Soliman e até de um cabeleireiro francês. Acompanhava o marido, o General Leclarc, que viera para combater os jacobinos negros de Toussaint L'Overture.

Mezy perde o ex-escravo Ti Noel em um jogo de cartas, e o entrega a um patrão cubano. Tendo juntado alguns trocados, Ti Noel propôs-se a viajar de barco entre as ilhas. Mais tarde, passou a se comunicar com os objetos e com a própria sombra. De volta a Santiago, percebe que nas montanhas, detrás da antiga fazenda de Mezy, ergueu-se um palácio rosado. Era Sans Souci, residência predileta de Henri Christophe, um reino de negros, que não escapa à ironia do narrador: "e bem negra era a Imaculada Conceição, erguida sobre o altar-mor da capela [...]" (CARPENTIER, 1966, p. 75). Associado ao percurso de Ti Noel, o narrador contará a história desse rei, no romance, um ex-escravo, ex-cozinheiro, ex-proprietário de "La Corona", uma bodega local.

A História oficial nos diz que Christophe comprou a própria alforria, tendo provavelmente lutado na Revolução Americana ao lado das forças francesas; em 1779, distinguiu-se na Revolução Haitiana e tornou-se general em 1802. Posteriormente, com o assassinato de Tiago do Haiti (Jean-Jacques Dessalines reinou de 1804 a 1806 na ilha), terminou por assumir a presidência, mas sem qualquer poder de decisão, o que abalou profundamente seu orgulho. Fundou, então, um Império no Norte da Ilha, onde construiu seis castelos, oito palácios e a famosa *Citadelle Laferrière*. Em 1811, sua coroação pode ser vista por um documento, o Edital de 1º de Abril. Governou entre 1806 e 1820 como Henrique I, nome de batismo cristão. Instituiu a nobreza haitiana, distribuiu títulos nobiliárquicos, ou seja, organizou um reino de ex-escravos, agora livres, nos moldes europeus, cuja religião oficial era o catolicismo. As insurgências do Sul contra o reino do Norte e a insatisfação do povo em relação à autocracia regedora de seu império facilitou as rebeliões. Impotente perante os ataques constantes e a fuga dos súditos, preferiu o suicídio com uma bala de prata, em 1820, à deposição. Essa história foi também contada na peça de teatro *La tragédie du Roi Christophe* (1963), pelo martinicano Aimée Césaire, um trabalho posterior, que garante o diálogo intertextual com o romance de Carpentier. O autor resgata essa figura histórica em *O reino deste mundo*, mas não é este o protagonista do romance, e sim o escravo Ti Noel, o qual figura como elo entre o plano de ação de Bouckman, Toussaint L'Overture, Jean-Jacques Dessalines - entre 1771-1804 - e o do rei Christophe, e principalmente Mackandhal, líder da rebelião quilombola no Haiti bem antes do movimento independentista sob influência da Revolução Francesa.

E a história de Mackandal é referida na historiografia do afro-trinidadiano Cyril Leonel Robert James, *Os jacobinos negros: Toussaint L'Overture e a Revolução de São Domingos* (1938), um dos textos seminais do estudo da diáspora negra – em que se esboça um retrato da Revolução Haitiana baseada nos princípios da Revolução Francesa, liderada por Toussaint L'Overture, negro, letrado e seguidor das idéias das Luzes, um hipertexto da obra de Carpentier.

A Revolução haitiana configurou-se no maior movimento negro de rebeldia contra a exploração e a dominação colonial das Américas. O caso do Haiti se torna único no continente como a primeira colônia latino-americana a obter a independência e a abolição da escravatura, cujo processo de revolução foi conduzido pelos próprios escravos na libertação de seu país e, ainda, de sua própria liberdade. Esse acontecimento singular derrubou por terra a idéia defendida na época pelas potências imperialistas de que as populações negras não eram capazes de auto-organização.

Com a Revolução, o Haiti se torna a primeira república negra do mundo. Dos quatrocentos e oitenta mil escravos presentes no Haiti nesse momento, a grande maioria era originariamente

africana, de acordo com Marcelo Grondin (1985), encontrando-se, entre eles, vínculos culturais profundos, como a prática do vodu, as crenças animistas e antropomorfizantes, as crenças na imortalidade, as afinidades lingüísticas que lhes facilitavam a comunicação por códigos indecifráveis, garantindo a hegemonia ideológica. Por isso, não aceitaram se curvar ao universo dos brancos, este, desprezado e ironizado pelos olhares de Ti Noel em *O reino deste mundo*.

Em Carpentier, a ironia funciona sutilmente e, visivelmente maravilhado com as práticas religiosas do vodu de Mackandal, o narrador as lança poeticamente no romance por meio das lembranças, das falas e visões da personagem. O narrador ironiza certos comportamentos paradoxais de figuras históricas como Henri Christophe que, apesar do heroísmo e da ânsia por liberdade, assume a cultura e a dinâmica européia no modo de vida e na administração política.

A dialética é mantida pela força do contraste entre as práticas materiais essencialmente africanas no comportamento de Mackandal, de seus seguidores e de Ti Noel e as práticas dos brancos, cujo peso da ironia e da caricatura recai sobre a figura de Mezy, que termina pobre e ainda bêbedo na ilha vizinha, confirmando a queda da burguesia colonial e a *excentricidade* bakhtiniana.

Depois de uma batucada, onde baixara nele o rei de Angola, o ex-escravo vê nascer rebanhos em suas terras: a fazenda de Mezy, e a casa, agora caindo aos pedaços, onde vivia respeitado e convidado pelas velhas para beber e fumar. Então, comportava-se como um rei: "Sentado em sua poltrona, a casaca entreaberta, bem assentado, o chapéu de palha e coçando lentamente a barriga, Ti Noel ditava ordens ao vento. Mas eram editais de um governo tranqüilo, já que nenhuma tirania dos brancos ou dos negros parecia ameaçar sua liberdade" (CARPENTIER, 1966, p. 109). O ex-escravo, que viveu todas as fases: de Mackandal à queda e suicídio de Christophe assume agora a posição de rei, o rei da liberdade, bufo e excêntrico, poetizando as histórias e lendas do quimbanda, assumindo a posição de griô africano dos novos tempos. Cansado da vida tribulada, continua no "reino deste mundo", após ter se apropriado das artes mágicas do vodu e se metamorfoseado em muitos animais ao final do romance: ave, garanhão, abelha, formiga.

Mas a liberdade só duraria até a chegada dos agrimensores – vindos de Port-Au-Prince – que impõem novas regras de exploração, e os antigos escravos trabalham agora sob eterna vigilância dos mulatos em imensas lavouras, enquanto Ti Noel se desespera. Assim, o narrador de Carpentier, como o de Pacavira, critica a eterna exploração e expropriação dos que utilizam da força bruta para submeter outros. Esmera-se em revelar o valor que dava Ti Noel à liberdade conquistada, pois "novamente de cabeça baixa sob o chicote de alguém. [...] começava a desesperar ante esse infundável renovar de cadeias, esse renascer de grilhões, essa proliferação de misérias, que os mais resignados terminam por aceitar como prova da inutilidade de qualquer rebeldia" (CARPENTIER, 1966, p. 113). Ao lançar seu grito de guerra contra os novos senhores, dando ordens a todos os negros trabalhadores que atacassem os insolentes mulatos investidos de poder e controle sobre os mais fracos, tudo em volta foi varrido por um "poderoso vento Sul", inclusive Ti Noel e, desde então, nada mais se soube dele.

No romance, a história de resistência dos escravos constitui a saga da luta pela liberdade dos negros em território caribenho, confirmando a máxima de que a história do homem é a história da luta de classes, grupos, nações, enquanto a resultante materialista dessa luta determina a produção de uma história oficial dos vencedores sobre os vencidos. Carpentier articula, então, um contradiscurso, apoiado na História oficial, a dos vencedores, mas não se alinha ideologicamente a ela, antes se posiciona ao lado dos heróis vencidos, ilustres, como Mackandal, Bouckman, ou desconhecidos, como Ti Noel, contando suas vidas privadas, suas lutas, seus sonhos, desvendando-lhes o imaginário sócio-cultural e político: "Não vês São Tiago que sou filho da guerra?"

4 Nzinga Mbandi: séculos XVI e XVII no território angolano

A ficção de Carpentier conta uma história de resistência à escravidão e ao apagamento cultural e identitário; e o mesmo se pode dizer do novo romance histórico de Pacavira. Nele, o desvelamento do confronto entre as forças dos colonizadores e as de resistência local no território angolano, lideradas por Ngola Kiluanji e, posteriormente por Nzinga Mbandi, põe em questão certos discursos oficiais que se pretendem como História hegemônica da humanidade.

Entre as características que determinam *Nzinga Mbandi* como novo romance histórico se encontra o fato de seu enredo representar um tempo histórico anterior ao tempo de vida de seu autor – de acordo com os pressupostos teóricos de Menton (1993, p. 33), ao adotar a definição de Anderson Imbert, de 1951. O romance de Pacavira não constitui um romance histórico tradicional, porém não possui todas as características do sub-gênero teorizadas por Menton (1993, p. 42-4). No entanto, será considerado novo romance histórico, pois nele se encontram presentes as características essenciais: a personalidade histórica como protagonista, a impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade por meio da História oficial, o caráter cíclico e imprevisível da História; os comentários do narrador sobre os processos de criação, a intertextualidade com a oralitura e os textos da história e da literatura oficial; algumas das categorias bakhtinianas da carnavalização: a *profanação*, a *familiarização* ou livre contato entre os homens; a *excentricidade*, embora lhe falte as *mésalliances* formais. (BAKHTIN, 1981, p. 105-7).

No romance, o tempo histórico é bastante marcado por uma cronologia que localiza perfeitamente o leitor no tempo, à exceção de um ou outro momento, quando há presença de analepses, facilmente localizadas no intradiscurso. No capítulo quarto da segunda parte, a narrativa estabelece uma ruptura temporal de quinze anos, e trata dos acontecimentos de 1575, anunciando as intensas guerras no território do Kongo, motivadas pela ideologia do mercantilismo, o que fez com que D. Sebastião autorizasse o Cardeal D. Henrique, senhor-mor da Inquisição em Portugal, a enviar uma esquadra para combater os rebeldes do Kongo e restituir o trono ao rei, d. Álvaro I, "tributário e vassalo do rei de Portugal". Outra analepse remonta o texto a 1570, para contar sobre reino dos Ngolas, pois o narrador faz questão de demarcar os espaços geográficos entre os reino do Kongo e o d'Angola.

O romance trata dos combates e resistências do rei Ngola Kiluanji, de seus sucessores e, finalmente, da ascensão ao trono por Nzinga Mbandi, enquanto os portugueses, obcecados pela idéia de chegar a Kambambi, ansiosos pela suposta prata, e aliados ao reino do Kongo, são quase dizimados pelos exércitos dos Ngolas, por vezes pelos grupos *Jagas* e, ainda, pelas febres locais.

No texto transitam os grandes confrontos registrados pela História oficial, no entanto, a perspectiva adotada para contar a história, na ficção, é a dos locais, ou seja, uma visão dos que não se submeteram e resistiram, em oposição a muitos outros grupos, como os que integravam a Companhia dos Empacasseiros, que atacavam as aldeias e os sobados, auxiliando os portugueses.

A articulação do discurso em *Nzinga Mbandi* passa também pelo crivo da memória, pois o narrador explicita os processos de composição literária no romance: refere-se às formas de tratamento dispensadas à protagonista por El-Rei D. João IV, “chamavam-lhe Rainha Dona Anna, Rayña Singa [...], Ginga [...] mas o nome dela verdadeiro é esse mesmo que vem na capa: Nzinga Mbandi.” (PACAVIRA, 1979, p. 17) [grifo nosso]. E, ainda, o narrador não procura ocultar suas “deduções” subjetivas sobre a personalidade histórica:

Não devia ser mulher de se dar lá a essas fitas de puxar a cara, amarrar a testa, alçar os peitos, pôr o rabo a pino, e coisas outras dessas. Factos há que nos levam a pensar que ela cresceu bela, carinha bonita, alegre, simpática, sendo o seu defeito: virar bicha-fera-ferida, caso que lhe violassem um direito. Tanto é que uma formidável história ela nos deixou, uma história que mete respeito, o motivo que me traz a conversar aqui com vocês. Mas começemos pelos tempos dos seus passados. (PACAVIRA, 1979, p. 18) [grifo nosso]

Nesse exerto, o narrador estabelece com o co-enunciador um diálogo, pois o convida a mergulhar no passado. Essa, no entanto, constitui uma função conativa da linguagem, a qual necessita que o leitor estabeleça um pacto com o narrador, um acordo.

E, assim, o narrador entrevê em um português quase oral o encontro suspeito entre os portugueses e as gentes de Angola à boca do rio Nzandi, em que as falas dos colonizadores exaltam a boa-fé e a questão da religião. Já nessa passagem, o excesso de reverência falseia o conteúdo do que é de fato enunciado: "Que são muito boas pessoas, não vieram por mal, a ninguém querem fazer mal, antes pelo contrário. [...] Teriam já os da terra Dele ouvido falar? Jesus Cristo, seu nome. Filho de um Virgem. Teria já a estas terras chegado o seu eco?..." (PACAVIRA, 1979, p. 21). Essa apresentação dos portugueses, com as mãos ao alto, soa irônica, se observados os significados ocultos em "antes pelo contrário", que pode indicar tanto "a ninguém querem", equivalendo ao contrário de "ninguém": "a alguém" ou "a todos".

De forma sutil, encontram-se no texto de Pacavira efeitos irônicos e cômicos encerrados no próprio código lingüístico. É o narrador quem responde pelos "da terra": "Mas os da terra querem é saber de onde é que eles vêm, de que raça, de que nação, com uns ares de amalucados que aparentam, os cabelos parece que passaram no fogo, a cor da pele, tudo, tudo, um albino, filho-sereia. Com um falar que ninguém entende, ainda por cima." (PACAVIRA, 1979, p. 19-20)

A imaginação criativa do autor em torno do "encontro" insólito entre culturas de valores tão diferentes, será lida como ironia, se considerado o momento de produção do romance: a década de 1970, as perseguições da PIDE, e as sucessivas prisões do autor: encontro que recorda certos exertos, em alguns novos romances históricos hispano-americanos, dos primeiros contatos entre os ameríndios e Colombo, também produzidos na década de 70 e 80 (MENTON, 1993, p. 48;106-8).

Em maio de 1560, a chegada de D. Paulo Dias de Novais² – a serviço da rainha D. Catheryna de Portugal – em Kakulu, procurando trazer a "Civilização" e a religião aos kimbundus, é tratada ironicamente pelo narrador que parafraseia entre "kimbunguês" [kimbundo e português] os questionamentos do rei de Angola, Ngola Ndambi, a respeito da sociedade onde vivia "a tal rainha".

Paulo de Novais fica detido na *Mbanza* do reino de Angola por seis anos (preso pelo *Ngola*), enquanto o Padre Gouvêa – agora *Nganga* Ngovêa – que o acompanhava, termina por integrar-se à comunidade local e se africaniza, "tinha virado *mumbundu*", mantendo, no entanto, a sua fé cristã.

O narrador se esmera na sutileza da ironia ao tratar do diálogo entre *Nganga* Ngovêa e *Nganga* Ndal'a Kabenda, o mais-velho dos mais-velhos de Kakulu, um "doutor das leis que os antigos nos deixaram", que fala ao padre sobre seu deus, *Nzambi*, criador de todas as coisas e adorado no Ndongo. Fala sobre a morte e da inexistência do Inferno para os *kimbundus*. E do mau espírito: *Mbungula*. No diálogo, não escapa à ironia o colonizador, chamado *ndeke*, significando não o "pássaro branco", mas "uma alma danada que vagueia pelo mundo inteiro, sem lugar de estar, sem terra, sem nada. Um espírito mau atormentado por males [...] E vive agora a atormentar as pessoas, lhes perseguindo, lhes sacrificando de todas as maneiras." (PACAVIRA, 1979, p. 57)

Nos capítulos seguintes, os valores das tradições das comunidades angolanas contrastam com os valores dos colonizadores no intradiscorso do narrador, enquanto alguns discursos de certas personagens organizam um universo particular em kimbundo, impenetrável ao leitor que não domina a língua. A ironia e o humor não se afastam das cenas em que se discute o código lingüístico e seu caráter de "desencontro", de não-interpretação. Segundo Mangueneau (1996, p.126), a incompreensão reiterada fere a lei de modalidade no discurso: sempre que há uma incompreensão excessiva no processo de interpretação, o efeito cômico, geralmente, encontra-se garantido. Em Pacavira, isso ocorre várias vezes, garantindo o viés do cômico e do sério.

² D. Paulo Dias de Novais, fidalgo da Casa Real de Portugal, neto do navegador Bartolomeu Dias.

A resistência do código, cuja estrutura morfológica e gramatical parece impenetrável à estrutura do colonizador concretiza na escrita a resistência que se seguiria na prática mesma, por meio da religião, de certas formas de viver e pensar e, ainda, pelas armas.

O narrador desvela a luta entre as culturas, entre as nações, ou seja, a história do homem como resultante da luta de classes, grupos, povos, permitindo ao leitor refletir sobre o sistema econômico e social e suas tecnologias de domínio, responsáveis pelas condições materiais de vida dos homens. Ao revelar as causas que os levaram às guerras contra os colonizadores no território, o narrador explicita que nenhuma violência é gratuita, pois há sempre um episódio capaz de justificá-la.

Na configuração da heroína, o narrador faz sua personagem percorrer grande parte do território angolano, estabelecendo o princípio da viagem e outorgando a ela a experiência e conhecimento tanto geográfico quanto social do território e da diversidade cultural, que mais tarde viria a governar: momento em que a protagonista se expõe à experiência e ao conhecimento.

Iniciam-se os preparativos para a guerra contra os colonizadores que não se cansam de pilhar e destruir os que não lhes podem oferecer resistência, despovoando muitas comunidades tradicionais. A descrição das desgraças disseminadas pelos *kimbos* desvelam o que significou a colonização em Angola, considerando que o assentamento de fortalezas, e de cidades como Massanganu, não visavam tão-somente ao tráfico de pessoas para os engenhos do Brasil, mas a apropriação para futura exploração das minas de metais preciosos, uma das questões fulcrais da ocupação.

A transição do Governo de Angola a D. Francisco de Almeida - quando Portugal já se encontra sob o domínio espanhol, a chamada União Ibérica -, não funciona, pois o soba Kafuxi não dá trégua aos colonizadores e por isso, outro governador, D. Jerônimo de Almeida, desiste da empreitada de conquistar o território (1592-93). A sucessão de Governadores não tem fim. Nesse momento histórico, o processo de subidas e descidas ao poder (o destronamento bakhtiniano, em contexto carnavalizado) revela a inoperância das missões exploradoras européias.

Sobre a protagonista, já adulta, diz o narrador: "[...] no vigor da vida, sem cabelos brancos, sem nada. E sem nada que lhe dobre. [...] Nos seus quarenta anos – com vinte e tal anos de andar para trás e para diante. De andar aonde só os filhos-de-pássaros dantes podiam passar. E dormir aonde só podiam os bichos dormir [...]" (PACAVIRA, 1979, p. 118), desvela o telurismo da personagem. Seu encontro com o governador português João Correa de Souza (ocorrido em 1621), a faz retornar da cidade com o nome de Ana de Sousa, dado em batismo católico, o que provocou um descrédito por parte dos súditos.

Ao voltar, nomeia muitos sobas para controlar o território que lhe cabe e, depois, envia um recado irônico ao sr. Bento Banha Cardoso, em que diz: "[...] o nome Ana de Sousa que o outro quis oferecer não pegou. Não podia pegar. O mesmo sucede com as minhas irmãs, a Kambo não quer o nome de Bárbara, a Fuxi manda dizer que seu nome é mesmo Fuxi. Que ide aplicando o nome de Engrácia às vossas filhas que is parindo, vós outros" [...] (PACAVIRA, 1979, p. 128-9). E, no conteúdo da Carta, a certeza de que *Ngola* Nzinga lhes fará a guerra, pois diz "armas não nos faltarão, e povo haverá neste mundo capaz de acudir a um apelo nosso, para vos correr com ferro e fogo" (PACAVIRA, 1979, p. 129).

Nzinga se desloca para a Matamba. Anos depois viaja com seu séquito até as terras da Lunda, onde trava acordo com o rei daquele território, Sa-Yiala Maku. Nessa viagem, articula apoios às Coalizões contra os colonizadores. O narrador retrata o heroísmo da protagonista quando, construído na estética realista, ao serem os *kimbundos* liderados por Nzing'a Mona – o general - em batalha, no Alto Kuangu, tendo este sido atingido, é a própria rainha quem lidera o contra-ataque:

[...] Mas é a própria *Ngola* que vai lhes ficar à frente do combate. Aí ela vem a descer as quebras de arco e lanças na mão, sem os panos já, apenas de *jihondo*,

com uns corpetes também em franjas de fibras de imbondeiro a lhe vestir os peitos. Entesa o arco, larga... lá vai a sua lança de mistura com a quantidade de lanças a cair sobre os contrários parecendo chuva de pedras. (PACAVIRA, 1979, p.147)

O rapto de suas irmãs, a Fuxi e a Kambo, e ainda, de uma tia da rainha pelos portugueses, torna-se motivo para que as guerras se intensifiquem. Outro motivo era a exploração comercial e a rapinagem por parte das elites colonialistas que não possuíam limites, pois cogitavam a idéia de cunhar uma moeda própria em substituição aos *lumbongos* locais, apoderando-se também do sistema monetário.

As condições materiais de existência dos povos funciona como fio discursivo no texto de Pacavira e, compreendendo os valores da cultura angolana, procura enfatizar as questões econômicas, políticas e ideológicas. Por isso, as condições impostas e acatadas por alguns locais que serviam aos invasores, ou eram por eles cooptados, não escapa ao olhar crítico do narrador.

O homem como mercadoria, vendido como máquina de produção à elite colonialista na América, tornou-se o principal negócio de enriquecimento do colonialismo em África. Assim, o sistema de capital mercantil-escravista europeu é explicado de maneira simples através do triângulo: uma classe de mercadores e fidalgos - que aspirava viver aristocraticamente tanto no Brasil-Colônia quanto no território angolano e retornar a Portugal milionária e heróica -, o rei e a classe escrava, esta, geradora das riquezas, mas expropriada.

A cobrança de dízimos pelo capitão-mor ao soba avassalado de cada região também é discutida no romance, motivo pelo qual os guerreiros *kimbundos* tratavam de incendiar as matas, revoltosos com a situação, pois "filhos da terra, que perdiam a noção dos valores e dignidade de homem tocam a negociar os sobrinhos, os filhos, os irmãos [...]" (PACAVIRA, 1979, p. 156)

Entre os vários gêneros textuais que aparecem no texto, o narrador parafraseia um exerto de uma das Cartas do Padre António Vieira ao rei de Portugal: "Em quarenta anos se haviam matado e destruído, na costa e nos sertões, mais de dois milhões de índios e mais de quinhentas povoações como grandes cidades". Através das palavras de Vieira, revela as simetrias entre as práticas do sistema colonial no dois lados do Atlântico Negro.

Na seqüência, o narrador detém-se sobre os acontecimentos em torno da invasão holandesa a Luanda e Benguela (1641), e a retirada dos portugueses para Massangano e outras fortalezas. Esse episódio estabelece uma relação intertextual com o novo romance histórico *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1997), do autor angolano Pepetela. O narrador de *Nzinga Mbandi* e também o de Pepetela contam, então, os acordos entre os Impérios locais e os holandeses, as intensas lutas contra os portugueses, as traições e também a tentativa de libertação das irmãs de Nzinga. E assim termina a narrativa assinada por Pacavira, escrita entre outubro de 1972 e janeiro de 1973, no Campo de Trabalho de Chão Bom, Tarrafal, na Ilha de São Tiago, Cabo Verde.

Para efeito de informatividade, surge ao final do livro uma espécie de resumo histórico que abarca os períodos de 1647 a 1890, cujo autor não seria Pacavira, mas Kakulu Ka Henda Ka Mona: narrativa dos acontecimentos após a expulsão dos holandeses pela elite portuguesa do Brasil e a aliança que os colonizadores estabeleceram com alguns locais angolanos ressentidos ou gananciosos. Em 1656, assinam um acordo de paz, reconhecendo Nzinga senhora de suas terras.

Segundo o narrador, Nzinga Mbandi *Ngola* "morreu em 1663, com 81 anos de idade", transformando-se posteriormente em um símbolo da resistência em África, constituindo tarefa quase impossível dissociar sua atuação histórica de sua aura lendária, cujas façanhas foram contadas de geração a geração, preservando a memória desse poder feminino.

Conclusão

Os textos de *O reino deste mundo* e *Nzinga Mbandi* abordam as dinâmicas sócio-política - econômicas e os confrontos resultantes dos processos de diáspora negra e luta pela liberdade, tanto em um quanto em outro lado do Atlântico, embora as populações de Angola seqüestradas para a América não sejam propriamente os heróis do Caribe, onde se encontravam predominantemente as populações originárias da Guiné. As populações de Angola construíram outras histórias de resistência na América Latina, como a dos quilombolas dos Palmares, liderados por Zumbi.

Referências Bibliográficas

ABDALA JR., Benjamin. *Literatura, História e Política. Literaturas de Língua Portuguesa no século XX*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. Trad. João O. Saldanha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

CÉSAIRE, Aimée. *La tragedie du Roi Christophe*. (théâtre). Paris: Présence Africaine, 1963.

CIDRAES, Maria de L. "Memória Histórica e Literatura: Cruzamentos e Desvios. (Na literatura portuguesa entre 1890 e 1930)". In: *Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Vol. 2, Évora: Universidade de Évora. maio, 2001.

GORENDER, Jacob. "O épico e o trágico na história do Haiti". *Revista Estudos Avançados*: USP. Vol. 18, n. 50.

GRONDIN, Marcelo. *Haiti: Cultura, poder e desenvolvimento*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

JAMES, Cyril.L.R. *Os jacobinos negros – Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. Trad.: A. T. Filho. São Paulo: Boitempo, 2000.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina. 1949-1992*. Méjico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PACAVIRA, Manuel Pedro. *Nzinga Mbandi*. Lisboa: Edições 70, 1979.